

Da Utopia à Ação: Fourier e os Princípios da Economia Solidária
From Utopia to Action: Fourier and The Principles of Solidary Economy

Luiz Célio Souza Rocha,
Emanuelly Alves Pelógio,
Washington José de Souza

Resumo

A situação sócio-econômica da sociedade contemporânea, centrada no consumismo e na competitividade, tem gerado restrições, tanto para a economia capitalista quanto para a maioria dos indivíduos. Os estragos sociais causados pelo capitalismo exacerbado são cada vez mais evidentes e as estratégias utilizadas para corrigir esses estragos sequer conseguiram minimizá-los. Ao analisarmos uma estrutura social marcada pela desigualdade, as conseqüências sociais como o desemprego e a precarização do trabalho, passam a produzir novos e amplos contingentes de excluídos. É, pois, em tempos de crise, que a Economia Solidária aparece como resposta às desigualdades e injustiças inerentes ao sistema capitalista, pois, privilegia, além da dimensão econômica, as esferas social e ambiental. Esta tendência não fragmentada de vida foi pensada no passado e vem ocorrendo – ainda que de modo limitado – nos dias atuais. Para demonstrar tal entendimento, ao longo do trabalho são resgatadas características do pensamento de Fourier que, hoje, aparecem fortemente vinculadas ao construto da Economia Solidária. Assim, a partir de pesquisa bibliográfica, este texto evidencia, teoricamente, por vias fenomenológicas e ontológicas, como as idéias principais do Socialismo Utópico de Fourier estão presentes nos princípios da Economia Solidária. O exercício procedido evidencia a vitalidade dos ideais do socialismo utópico na atualidade.

Palavras-Chave: Fourier, Economia Solidária, Capitalismo.

Abstract

The social and economic situation of contemporaneous society, focused in the consumerism and competitiveness, has produced constraints to capitalist economy and individuals. The social damages caused by exacerbated capitalism are more evident and the strategies used to correct them don't are successful. Analyzing a social structure signed by inequality, the consequences as unemployment and precarious work produce new and wide contingents of excluded people. So, in crisis, the Solidary Economy appears as an answer to inherent inequality and injustice capitalist, because it treats the social and environmental spheres, besides the economic one. This not fragmented tendency of life was thought in the past and occurs – although by a limited way – nowadays. To demonstrate this understanding, during this paper are rescued characteristics of Fourier's thought that, today, show strongly linked to the Solidary Economy construct. So, through a bibliographical research, this text show, theoretically, for a phenomenological and ontological way, as the main ideas of the Utopian Socialism of Fourier are present in the principles of the Solidary Economy. The exercise done show the vitality of the utopian socialism's ideals in the present.

Key-Words: Fourier, Solidary Economy, capitalism.

1. Introdução

A atual situação da sociedade, onde consumismo e competitividade são palavras de ordem que guiam as atitudes, tem gerado colapsos, tanto para a economia capitalista, com suas crises periódicas, quanto para o indivíduo, que se torna ser alienado pela transformação da racionalidade num instrumento disfarçado de perpetuação da repressão social, em vez de sinônimo de razão.

Essa transgressão de valores da sociedade atual remonta à época do Iluminismo, que tinha por intenção inicial promover a razão como instrumento de emancipação humana, tornando o homem consciente de sua realidade e responsável pelo seu próprio destino. Entretanto, ao se direcionar para a ciência e para a técnica, o movimento gerou um resultado perverso, transformando-se em razão instrumental e servindo de ferramenta para a manutenção de poder através da dominação. Corroborando essa afirmação, Engels (1981, p.29) cita:

já sabemos, hoje, que este império da razão não era mais do que o império idealizado pela burguesia; que a justiça eterna tomou corpo na justiça burguesa; que a igualdade se reduziu à igualdade burguesa em face da lei, que, como um dos direitos mais essenciais do homem, foi proclamada a propriedade burguesa; e que o Estado da razão, [...] foi convertido na república democrática burguesa.

Diante disso, os estragos sociais causados pelo capitalismo exacerbado são cada vez mais evidentes e as estratégias utilizadas para corrigir esses estragos mal conseguem minimizá-los. Evidentemente, ao se analisar uma estrutura social marcada pela desigualdade, as conseqüências sociais como o desemprego e a precarização do trabalho, passam a produzir novos e amplos contingentes de excluídos.

Neste contexto, a Economia Solidária surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram marginalizados do mercado de trabalho. Esse modo solidário de produção e distribuição, em um primeiro momento, parece um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A Economia Solidária é uma criação em processo contínuo de trabalhadores em luta contra o sistema capitalista de produção. Como tal, não poderia preceder ao capitalismo industrial, mas, acompanha-o em toda sua evolução.

As primeiras experiências de modelos de gestão diferenciadas e democráticas são frutos do pensamento cooperativista, que, ao longo da história, toma cunho de movimento social, tendo como base o Socialismo Utópico da primeira metade do século XIX, de Owen, Fourier, Saint-Simon, Buchez, Proudhon e Blanc.

Levando em conta essas idéias iniciais o presente artigo aponta, teoricamente, por um viés fenomenológico e ontológico, e através de uma pesquisa bibliográfica, como as idéias principais do Socialismo Utópico de Fourier estão presentes nos princípios que norteiam esse expressivo movimento social, cujos principais atores são os empreendimentos econômicos solidários.

Este artigo apresenta o seguinte ordenamento. Além desta primeira parte introdutória, a segunda apresenta conceituações do Socialismo Utópico de Fourier, a terceira aborda o tema Economia Solidária, a quarta é composta pela discussão das relações entre o Socialismo Utópico de Fourier e a Economia Solidária. A última parte traz as considerações finais.

2. Socialismo Utópico de Fourier

François Maria Charles Fourier (1772-1837) foi um socialista francês da primeira parte do século XIX, nasceu em Besançon, no interior da França, filho de uma rica família de

comerciantes. Mas, Fourier esteve mais interessado na arquitetura que nos negócios de seu pai. De fato, queria converter-se em engenheiro, mas a Escola de Engenharia Militar aceitava somente filhos da nobreza, o que não era o seu caso. Mais tarde, Fourier se alegraria em não ter se tornado engenheiro, porque, segundo ele, esta profissão teria lhe consumido muito tempo afastando-o de seu verdadeiro desejo: ajudar a Humanidade. Em Julho de 1781, logo após a morte de seu pai, Fourier herda dois quintos da fortuna, avaliada em mais de 200.000 francos. Alguns anos mais tarde, com o dinheiro que havia recebido da herança do pai, tratou de fazer negócios comprando mercadorias para revendê-las. Suas operações mercantis coincidiram, contudo, com os anos agitados da Revolução Francesa, fazendo-o perder muito dinheiro e obrigando-o a voltar a trabalhar duro. O pensador francês estava convencido de que a Revolução Francesa tinha sido um equívoco, pois, partindo da percepção de que era preciso transformar a sociedade, devido ao fato de que os seres humanos estavam submetidos à pressão de instituições injustificáveis, os revolucionários acabaram por não mudar nada. Com isso, Fourier torna-se descrente em relação à luta política (tal como era praticada) e se dispõe a buscar um caminho pelo qual a transformação da sociedade poderia se viabilizar. No final do século XVIII, ele, de fato, estava empenhado em avaliar as causas da situação em que se encontrava a humanidade, que lhe parecia deplorável. Foi em 1799 que Fourier “descobriu” sua teoria, ao comer uma maçã em Paris e verificar que vinha de sua terra natal só que custando cem vezes mais do que lá. Para ele, a sua maçã teria uma importância semelhante à maçã de Newton. Então, se deu conta da “desordem fundamental do mecanismo industrial” e começou a desenvolver denúncias sistemáticas dos danos da civilização (termo que usava para designar a sociedade capitalista) à humanidade (KONDER, 1998).

Em 1803, Fourier começou a publicar artigos e, pela primeira vez, passou a expor por escrito suas idéias. Dizia que a civilização não era o destino da humanidade e, sim, uma forma singular de organização da vida em sociedade, uma forma que estava impedindo os seres humanos de se relacionarem de modo harmônico uns com os outros e todos com a natureza. Insistiu na tese de que Deus regia o mundo, não pela coerção, mas, sim, pela “lei da atração universal”. De acordo com Fourier, Deus havia organizado o mundo com base nesse princípio da atração, só que, enquanto os astros obedeciam mecanicamente aos desígnios de Deus, os homens haviam se afastado dos caminhos indicados. A civilização, então, levava ao máximo esse afastamento, gerando desordem, anarquia, especulação, parasitismo e miséria. A idéia central que move a obra de Fourier encontra-se no Princípio da Atração Universal que, segundo ele, regeria o mundo físico e social, material e espiritual (KONDER, 1998).

Para Fourier, suas teorias precisavam passar pelo teste de uma aplicação prática para demonstrarem o acerto e a seriedade do seu pensamento. A experiência da “falange experimental” ou “falanstério” (junção da palavra falange com monastério) seria decisiva. Fourier denominava falanstério o edifício onde estaria instalada a falange experimental e chegou à dimensão de 1.620 pessoas de diferentes condições sociais, porém, assegurando a presença de uma minoria de capitalistas, artistas e intelectuais. A área deveria ser próxima a uma cidade, com terra fértil, colinas, bosques e rio. A remuneração de serviços e trabalhos circularia no falanstério e ajudaria a fazer o sistema funcionar (KONDER, 1998).

Segundo esse pensador francês, os seres humanos se juntam ou se articulam de quatro formas: a amizade (predomina na infância), o amor (predomina na juventude), a ambição (predomina na maturidade), e o “familismo” (predomina na velhice). Para Fourier, por mais variadas que fossem as características das pessoas elas descobrem afinidades entre si, e, então, se aliam em torno dessas afinidades. Assim se constituiriam as *séries* que reuniriam as pessoas a partir de convergências e divergências, sendo formadas por um grupo mais influente no centro e outros grupos menos influentes à direita e à esquerda. Essas séries seriam as subunidades constitutivas do falanstério que valorizaria as diferenças de grupos e de indivíduos, ganhando vitalidade por força da diversidade das preferências de seus integrantes.

Nenhuma concórdia poderia presumir a eliminação das discórdias, que são elementos insuprimíveis da realidade humana. Um conselho superior, composto por representantes de cada série, cuidaria do bom funcionamento das atividades indicando as tarefas que estivessem por ser realizadas, sem jamais dar ordens ou fazer imposições. No projeto do falanstério, Fourier fundia duas aspirações: a da revalorização do espírito comunitário e a da mais completa liberdade individual para todos (KONDER, 1998).

O nome de Charles Fourier está associado a duas palavras: socialismo e utopia. A grande descoberta de Fourier, segundo ele, foi a “lei da atração passional”. E, sua maior invenção, foi a do caminho a ser seguido para que, com base nessa lei, a humanidade superasse a “civilização” e fosse capaz de criar a “Harmonia” (KONDER, 1998). Como a referida invenção se inseriu no movimento histórico das idéias socialistas, Fourier foi considerado um teórico de tal concepção, mais tarde denominada de utópica por Marx e Engels, ao lado de outros com pensamentos similares, não revolucionários.

Mas o ponto de partida do pensamento de Fourier é uma intuição ontológica que tudo no universo está ligado a tudo. A força que move o universo e garante o equilíbrio e a magnífica sincronização nos movimentos de todos os seres é o que Fourier chama de *atração passional* que, para ele, devia ser reconhecida como o impulso natural anterior à reflexão, e, como intuição ontológica, precisava ser esclarecida, trabalhada pela reflexão. Para Fourier, seria absurdo abrir mão da condição de sujeito desejante para se impor à lógica da civilização. É em torno dessa idéia que o pensamento de Fourier se organiza, ou seja, em função da recusa radical à civilização e da confiança na atração passional (KONDER, 1998).

Fourier defendia, também, a liberdade das *mulheres* e dizia que os níveis de cultura e de progresso social em cada sociedade aconteceriam na medida em que se realizasse o avanço das mulheres em direção à liberdade. O declínio social, por sua vez, ocorreria como resultado da diminuição da liberdade delas (LEHOUCK, 1973).

Para o pensador, a evolução da humanidade percorreria os seguintes *períodos em sua evolução social*: 1º - edênico (ou primitivo), 2º - selvagem (ou de inércia), 3º - patriarcal (ou de pequena indústria), 4º - bárbaro (ou de média indústria) e o 5º - fase da civilização (ou de grande indústria). O 6º período deveria ser a experiência do falanstério que permitiria o início do regime societário no 7º período, o do “sociantismo”, que seria a associação simples. O 8º período seria o da Harmonia ou da associação composta (KONDER, 1998).

Para Fourier, os civilizados temem as paixões porque elas escapam ao controle da moral. Então, desde 1806, quando escreveu “O descaminho da razão”, Fourier se dedicou a analisar as *paixões radicais* dos seres humanos. Comparou-as, qualificou-as e chegou à conclusão de que elas eram doze. As cinco primeiras paixões, para ele, derivam dos órgãos dos sentidos: a paixão de olhar, a de ouvir, a do paladar, a do olfato e a do tato. Outra parte de categoria de paixões reúne aquelas que se referem a determinados afetos, como: a paixão da amizade, a do amor, a da ambição e a do “familismo”. Essas quatro paixões lidam com as relações entre as pessoas e se distinguem das cinco anteriores, que se referem às relações das pessoas com as coisas. As três últimas paixões são chamadas por Fourier de “distributivas”: a compósita (da entrega do indivíduo a uma causa, um ideal), a borboleta (necessidade de ir de flor em flor sem se fixar numa coisa só) e a cabalista (leva o indivíduo a se assumir como indivíduo particular no interior de qualquer coletividade) (LEHOUCK, 1973).

Entre essas doze paixões, existe uma que, segundo Fourier, é bastante maltratada pela civilização e à qual ele dedica especial atenção: o *amor*. Para o filósofo, a intensidade da experiência amorosa denota uma dimensão religiosa, pois, para ele, é através do amor que o ser humano pode se elevar ao céu e partilhar a felicidade de Deus. Segundo Fourier, a paixão amorosa tem duas dimensões interdependentes, inelimináveis, que são: a do corpo e a da alma. Fourier destaca a importância tanto do prazer físico, da sensualidade, como a do sentimento depurado, que ele chama de “celadonismo”. Na Harmonia, de acordo com o

pensador francês, haveria elevada consideração pelo “celadonismo”, e as pessoas desenvolveriam modos de amar mais intensos. Além disso, tanto homens quanto mulheres seriam respeitados em suas escolhas pessoais na vida amorosa, quaisquer que fossem suas opções. Desta forma, não existia, para Fourier, motivos para que o homossexualismo fosse condenado porque cada manifestação de amor expressa, ao seu modo, um impulso da atração passional. O incesto igualmente seria natural em decorrência da junção de duas paixões radicais: o amor e o “familismo” (KONDER, 1998).

Além do amor, Fourier considerava importante a paixão derivada do paladar. Segundo o pensador, na Harmonia seriam oferecidas honras e recompensas materiais aos que se destacassem por virtudes amorosas, conhecimentos científicos, talentos artísticos e por *realizações gastronômicas*. Para Fourier, o prazer da alimentação saborosa seria o mais completo, pois, é o primeiro e o último que o ser humano experimenta; é um prazer que se desfruta desde o nascimento até a morte. Assim, o pensador propunha que a paixão manifestada pelo paladar fosse estudada por uma nova ciência: a “*gastrosofia*” (KONDER, 1998).

Para Fourier, no falanstério: a) as pessoas desenvolveriam hábitos mais racionais que os da civilização, porque teriam consciência das vantagens oferecidas por tais hábitos para todos e para cada um; b) a eficiência dos médicos e dentistas seria medida pelos resultados da medicina preventiva; c) a economia não eliminaria a propriedade privada e manteria o dinheiro, bem como as práticas de mercado, mas, não assumiria características vistas no mercado da civilização, porque a preservação da vida comunitária influiria nas ações dos indivíduos; d) os indivíduos iriam se sentir livres, seguros de seus desejos e de suas paixões, e, assim, teriam orgulho da organização e não teriam motivos para a competição exacerbada e destrutiva que a civilização impunha; e) a educação no falanstério seria diferente das experiências educacionais realizadas pelas sociedades civilizadas, pois, deveria ser prazerosa e composta por: artes, ópera, música, dança, teatro, mímica, poesia, pintura, enfim, todos seriam artistas. A educação das crianças seria feita, predominantemente, pelas próprias crianças: as mais velhas ensinariam às mais jovens. A intervenção dos adultos ficaria reduzida (KONDER, 1998).

Para Fourier existiriam cinco ramos do movimento universal, interligados: o *físico-mecânico* que Newton estudou; o *aromal*, da comunicação entre os astros; o *orgânico* das formas e das cores dos seres vivos; o *instintual* dos animais e o *passional* ou social dos seres humanos. O movimento passional coordenaria os demais e seria a chave para a compreensão dos outros. Nessas condições, a civilização, com seu sistema de repressão e desvirtuamento das paixões, deveria ser superada (KONDER, 1998).

Fourier foi, de algum modo, um dos idealizadores do cooperativismo. Sua preocupação com a defesa da autonomia das pessoas o distinguiu de outros teóricos socialistas da primeira metade do século XIX. Foi também um crítico ferino do economicismo, do capitalismo de sua época, e adversário da industrialização, da civilização urbana, do liberalismo e da família baseada no matrimônio e na monogamia. O caráter jovial com que Fourier realizou algumas de suas críticas, fez dele um dos grandes satíricos de todos os tempos. Propôs a criação de unidades de produção e consumo, as falanges ou falanstérios baseadas em uma forma de cooperativismo integral e auto-suficiente, assim como, na livre perseguição do que chamava paixões individuais, o que construiria um estado que chamou de harmonia. Neste sentido, antecipou a linhagem do socialismo libertário dentro do movimento socialista, e, em linhas críticas da moral burguesa e cristã restritiva do desejo e do prazer, tornou-se um dos precursores do anarquismo e da psicanálise. Em 1808, Fourier defendeu abertamente a igualdade de gênero entre homens e mulheres, apesar da palavra feminismo só ter sido adotada a partir de 1937.

Parte das críticas de Fourier é voltada a posições que justificam e perpetuam o sofrimento humano como é o caso do cristianismo, do conservadorismo e do niilismo. Lehouck (1973, p.17) afirma:

Fourier encarna um momento único do pensamento ocidental; leva a crítica à religião, elaborada pelo movimento filosófico, até as últimas consequências lógicas, até o rechaço da moral da família e da hierarquia social e simboliza todo um momento em que a reação pós-revolucionária estava em todo seu apogeu, sustentando-se ainda por muito tempo boa parte das conquistas intelectuais do século XVIII, [...].

Desta forma, Fourier transcendia o economicismo de parte do pensamento socialista de sua época e de momentos posteriores. Assim, não só criticava estruturas econômicas do capitalismo, mas, também, a moral inteira da sociedade contemporânea e seus costumes. Nesta perspectiva, a sociedade encontrava fundamento na hipocrisia ou em uma estrutura basicamente hipócrita, por se ter uma constante contradição entre palavras e ações, assim como, entre deveres e aspirações, uma vez que as pessoas aspiram à realização de seus desejos, no entanto, se reprimem e recorrem à moral para se auto-justificarem e reprimem aos que os quiserem perseguir. O pensador francês antecipa propostas posteriores do socialismo libertário ao edificar comunas de associação voluntária como base do sistema político que substituiria o Estado e o capitalismo.

Com sua proposta, possuidora de um viés cooperativista, Fourier defendia que, caso se permitisse às pessoas realizar livremente suas inclinações ou *paixões*, se produziria um estado de equilíbrio entre todos, ou, a *harmonia*. Como fundamento da tese de Fourier estava a possibilidade de se estabelecer uma sociedade verdadeiramente justa, para a qual propôs a fundação de Falanstérios (Comunidades). Os benefícios obtidos seriam repartidos entre os membros da falange e os capitalistas que houvessem investido dinheiro na construção. Uma das cooperativas mais famosas, idealizada por Fourier, foi a *Coopérative des bijoutiers* em Doré (KONDER, 1998). Fourier pretendia convencer capitalistas a proporcionarem recursos necessários à construção de Falanstérios, mas, nenhum deles aceitou a proposta e Fourier morreu sem realizar seu ideal.

3. Economia Solidária

Em uma sociedade industrial centrada no mercado, a lógica da racionalidade instrumental, que amplia o controle da natureza, torna o desenvolvimento das forças produtoras a lógica da vida humana em geral. Mesmo a subjetividade caiu prisioneira da racionalidade instrumental. Segundo Ramos (1989, p.51): “homens e mulheres já não vivem mais em comunidade, onde um senso comum substantivo determina o curso de suas ações. Pertencem, em vez disso, a sociedades em que faz pouco mais além de responder a persuasões organizadas”.

Além dessa ênfase na racionalidade instrumental, segundo Motta e Freitas (2000), outras características das sociedades modernas são a ênfase na perda dos fundamentos e da transcendência, ou seja, o esfacelamento da religião, da ética, da moral e do sagrado.

Ramos (1989) sustenta que a sociedade é constituída de uma variedade de enclaves, dos quais o mercado é apenas um. O homem, então, se empenha em tipos nitidamente diferentes, embora integrativos, de atividades substantivas. A partir dessa premissa o autor faz críticas à disciplina organizacional contemporânea que insiste em analisar as organizações somente por uma ótica utilitarista, como se o utilitarismo fosse o início e fim da vida em sociedade. Percebe-se, entretanto, que o movimento de revalorização das organizações se

deve à “confirmação” do capitalismo como a “única” via capaz de promover o desenvolvimento econômico e à crescente legitimação da ideologia liberal em que o econômico assume papel predominante e subordina todas as demais esferas da vida social. Nestas condições, o termo “organização” é confundido com “organização econômica”, e, o enclave econômico, o único passível de controle por organizações econômicas, é expandido para todos os outros setores sociais, chegando mesmo a ser tido como a sociedade em sua totalidade.

Além disso, a dominação exercida pelo sistema capitalista de produção existe há tanto tempo que acabou gerando uma simplificação, típica do senso comum, ao considerar como atividades econômicas apenas aquelas que se inserem na chamada economia de mercado. Nessa concepção, Gaiger (2007) afirma que as empresas privadas capitalistas, ou empresas de mercado, aparecem exclusivamente como autênticas e legítimas agentes da economia, o que explica algumas denominações usuais como setor produtivo, referente às modernas e capitalizadas empresas de transformação, ou produtores rurais, que indiretamente tacha de improdutivos os pequenos proprietários e a produção familiar. O autor ainda sustenta que quem não pertence a esses setores modernos e competitivos é visto como atrasado ou é relegado a papel secundário. Para os pobres, uma espécie de economia de sobrevivência, com funções sociais, de freio à marginalização, mais que econômicas.

Esse tipo de caracterização pejorativa, referente ao grupo de produtores familiares, entretanto, não condiz com a grande importância econômica e social, principalmente em épocas de crise e recessão econômica. Atualmente, parte expressiva do PIB nacional, por exemplo, provém dessas atividades que, mesmo em segmentos mais pobres, não estão desprovidas de iniciativas e de estratégias econômicas, de considerável eficiência (GAIGER, 2007).

Na verdade, outras economias produtivas e orientadas ao intercâmbio de bens existiam antes da disseminação das relações capitalistas de produção e de circulação de mercadorias. Dessa forma, o capitalismo é que representou a introdução de outra economia, gradativamente sobreposta a formas econômicas pré-existentes, incorretamente classificadas como “pré-capitalistas”, como se fossem um mero preâmbulo da economia superior do capital e estivessem fadadas ao desaparecimento ou à condição de modo de produção marginal e subordinado. Contudo, conforme relatam Singer e Souza (2003), diante do advento das relações capitalistas os trabalhadores reagiram de várias formas, combatendo a exploração no interior da empresa capitalista, criando alternativas próprias de caráter associativo e cooperativo ou, acrescentando-se, defendendo ao máximo sistemas de vida autóctones, o patrimônio produtivo e saberes contra a ameaça de espoliação e de subordinação do capital. Assim, o autor cita que a Economia Solidária surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho (SINGER; SOUZA, 2003).

A Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES (2008) define a Economia Solidária como “[...] o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão.”. E não se regulando apenas pela autogestão, mas, também, como aponta Gaiger (2007), através de mais sete características que sintetizam os empreendimentos de Economia Solidária – democracia; participação; igualitarismo; cooperação; viabilidade; responsabilidade social; e desenvolvimento humano – toma-se uma alternativa para ampliar o leque de possibilidades de auto-realização do homem. Neste sentido, assinala Laville (2002) que a Economia Solidária é um fato associativo que congrega as dimensões econômica, social e política. Essa afirmação leva a crer que este tipo de economia permite ao homem uma ampliação de mundo, onde ele se comporta, não unicamente como um ator econômico, mas, também, tendo noção de respeito para com outras esferas como a social, a política e a ambiental.

O movimento da Economia Solidária tem origem no cooperativismo do século XIX, uma reação às mazelas trazidas pela Revolução Industrial para a população da Grã-Bretanha. Os artesãos empobreciam, pois, com a difusão das máquinas e da organização fabril da produção, os mesmos não conseguiam inserir seus produtos no mercado, rendendo-se a ganhar salários pagos pelo capitalista. Os camponeses expulsos dos domínios senhoriais se transformaram no proletariado moderno e, em pouco tempo, já formavam o “exército de reserva” do sistema produtivo capitalista. Engels (1981, p.60) argumenta que:

O trabalho assalariado, que era antes exceção e mera ajuda, passou a ser regra e forma fundamental de toda a produção, e o que era antes ocupação acessória converte-se em ocupação exclusiva do operário. O operário assalariado temporário transformou-se em operário assalariado para toda a vida.

Devido a esses distúrbios sociais, trabalhadores e ex-trabalhadores foram levados à busca de alternativas e um dos caminhos encontrados foi a cooperação. Inicialmente constituídas com o intuito de sobrevivência dos membros, as cooperativas logo assumiram princípios e atividades incomuns às organizações econômicas convencionais, a exemplo do entendimento, da resolução negociada de conflitos, da autonomia e da gestão participativa, privilegiando o desenvolvimento do ser humano mediante processos permanentes de educação e de cooperação.

Para Singer (2002), na medida em que o movimento operário foi conquistando direitos para os assalariados, a situação destes foi melhorando: menos horas de trabalho, salários reais mais elevados, seguridade social mais abrangente e de acesso universal, ou quase, tornaram-se realidade nos países desenvolvidos. No Brasil, os direitos obtidos pelos sindicatos deram a segmentos de assalariados um padrão de vida de classe média. Entretanto, essa situação mudou na segunda metade dos anos 1970, quando o desemprego em massa começou a retornar. Nas décadas seguintes, grande parte da produção industrial mundial foi transferida para países em que as conquistas do movimento operário não se realizaram, o que provocou a desindustrialização dos países centrais e mesmo de países semi-desenvolvidos como o Brasil, eliminando milhões de trabalhos formais. Como resultado, a Economia Solidária ressurgiu com maior força. Há indícios da criação em número, cada vez maior, de novas cooperativas e formas análogas de produção associada em muitos países. Com isso, há um resgate de princípios como democracia e igualdade e a insistência na autogestão e no repúdio ao assalariamento (SINGER, 2002).

4. Relações entre o Socialismo Utópico de Fourier e a Economia Solidária

Fourier preconizava uma legislação de trabalho que garantisse aos trabalhadores remuneração com piso mínimo decente. Isso impulsionaria os trabalhadores à luta pela conquista de melhores remunerações e condições de trabalho. Em certo sentido, a idéia antecipava, com mais de um século de antecedência, aquilo que viria a ser a lei do salário mínimo. Além disso, percebe-se como este argumento fourierista está presente nos princípios da Economia Solidária (FACES, 2004) de: praticar níveis de remuneração e preço justo; valorizar a liberdade sindical e o reconhecimento efetivo do direito de negociação coletiva; valorizar a eliminação de todas as formas de trabalho forçado ou obrigatório; valorizar a erradicação da pobreza como um imperativo ético, social econômico e ambiental; e valorizar condições justas de produção e comercialização.

Fourier é pioneiro na preocupação com a preservação do meio ambiente nas cidades modernas. Pode-se dizer que foi ele quem idealizou a ecologia. Propôs, entre outras medidas concretas, que fossem feitas leis capazes de enfrentar a expansão da especulação imobiliária,

definidas normas para proteger áreas verdes e tomadas medidas práticas para impedir a construção de prédios que desrespeitassem os direitos dos cidadãos. Não apenas as cidades, mas também o campo, era, para ele, motivo de preocupação. Advertiu a respeito da destruição das florestas pelos predadores industriais, bem como para a poluição das fontes de água potável. Esse ponto, em particular, está inserido na atuação das organizações de Economia Solidária como uma de suas premissas mais veementes, mediante políticas de apoio ao desenvolvimento local e sustentável e de proteção e restauração da integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e por processos naturais que sustentem a vida, privilegiando-se a prevenção e a prudência diante dos limites do conhecimento humano. Outras ações da Economia Solidária com relação ao meio ambiente são (FACES, 2004): promoção de práticas de produção, comercialização e consumo que fortaleçam a justiça social, a preservação ambiental e a defesa da saúde humana; valorização do tratamento de todos os seres vivos com respeito e dignidade; e respeito ao meio ambiente.

Um terceiro argumento a ser considerado aponta para o papel pioneiro de Fourier no desencadeamento dos movimentos que têm denunciado, nestes dois últimos séculos, formas de discriminação das mulheres. Nenhum filósofo antes dele havia denunciado com tanta nitidez o sistema criado pela civilização para incutir nas mulheres um espírito de docilidade e obediência. Na perspectiva de Fourier de igualdade dos sexos, no plano dos direitos e das possibilidades concretas de afirmação pessoal, foi contemplada a reivindicação das diferenças a serem assumidas. Essa preocupação com as diferenças é nítida e constante em seu pensamento. Preservando o imprescindível espaço da afirmação da personalidade, segundo ele, seria impulsionado ao mesmo tempo o movimento pelo qual os indivíduos seriam levados voluntariamente a ultrapassar os limites da preocupação exclusiva de cada um consigo mesmo. Com isso, a idéia de Fourier pode, ainda hoje, estimular a aprofundar reflexões em torno da singularidade pessoal e da realização livre, ambas dimensões necessárias aos valores comunitários. Esses valores estão presentes nos princípios da Economia Solidária que pregam (FACES, 2004): o respeito aos direitos das mulheres, crianças, grupos étnicos e trabalhadores (as); a promoção de uma cultura de tolerância, de não-violência e de paz; a franca liberdade de opinião e de expressão; o fortalecimento da democracia, respeito à liberdade de opinião e organização; e o reconhecimento das diferenças e a valorização das identidades, locais, rurais ou urbanas.

Da contribuição do filósofo à luta pelo fortalecimento de uma postura autoquestionadora por parte dos cientistas deriva uma importante colaboração à reflexão acerca da ideologia, adotando uma concepção negativa e caracterizando-a como uma distorção do conhecimento que se dá em sintonia com a divisão social civilizada e com as pressões promovidas por setores privilegiados poderosos. Para Konder (1998, p.70):

Em sua concepção de ideologia, então, Fourier não só se antecipou a Marx, como fez algumas observações que ainda têm o poder de chamar a nossa atenção para fenômenos ideológicos complexos e sutis, ligados aos sonhos, às aspirações, às fantasias e, sobretudo, aos desejos dos seres humanos.

Essa versão questionadora acerca da ideologia está associada, na Economia Solidária, ao fato de esta funcionar como instrumento emancipador do indivíduo, servindo como garantia de que as atividades e instituições econômicas, em todos os níveis, promovem o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável. A presença deste ideário de Fourier evidencia-se ao analisar-se alguns princípios específicos da Economia Solidária como (FACES, 2004): promoção da responsabilidade e da transparência nos processos administrativos, coletivos e públicos; promoção do desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável; e construção de relações solidárias no interior da economia.

Outra contribuição de Fourier encontra-se no tema do desejo, pois, segundo o autor francês, a exaltação do desejo não ocorria exatamente pela propaganda que, na civilização, acompanha e estimula o consumismo. O desejo, na perspectiva de Fourier, não estaria limitado aos prazeres, pois, estes, podem sofrer distorções causadas pelos mecanismos da civilização. Deformados, os indivíduos passam a atribuir importância maior aos prazeres obtidos na contenda de uns contra os outros do que aos prazeres partilhados. No Falanstério, os indivíduos não seriam pegos pelo imediatismo consumista. Este é um princípio praticado no âmbito da Economia Solidária, que defende o consumo ético e consciente e relações de transparência entre os que vendem e os que compram, além de outras propostas como (FACES, 2004): consideração da diversidade cultural; valorização do conhecimento e da identidade das comunidades tradicionais nas transações comerciais; integração entre produtor e consumidor para a construção coletiva do desenvolvimento sustentável; valorização de condições justas de produção e comercialização; e fornecimento de informação transparente ao consumidor.

Por fim, o método educacional defendido por Fourier nos Falanstérios, que estabelecia o acesso à educação para todos, independentemente de suas diferenças, é coerente ao processo educacional defendido pela Economia Solidária (FACES, 2004): acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades econômicas; e transmissão, por meio da educação formal e da aprendizagem ao longo da vida, dos conhecimentos, valores e habilidades necessários para um modo de vida sustentável.

Quadro 1: SÍNTESE DAS INTERFACES ENTRE AS IDÉIAS DE FOURIER E OS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

PRINCIPAIS PONTOS DO LEGADO DE FOURIER	PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA
Legislação que garantisse aos trabalhadores uma remuneração com um piso mínimo decente	<p>Pratica níveis de remuneração e preço justo.</p> <p>Valoriza a liberdade sindical e o reconhecimento efetivo do direito de negociação coletiva.</p> <p>Valoriza a eliminação de todas as formas de trabalho forçado ou obrigatório.</p> <p>Valoriza a erradicação da pobreza como um imperativo ético, social, econômico e ambiental.</p> <p>Valoriza condições justas de produção e comercialização.</p>
Preservação do meio ambiente	<p>Promove as práticas de produção, comercialização e consumo que fortaleçam a justiça social, a preservação ambiental e a defesa da saúde humana.</p> <p>Valoriza o tratamento de todos os seres vivos com respeito e dignidade.</p> <p>Valoriza a proteção e a restauração da integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida, privilegiando-se a prevenção e a prudência diante dos limites do nosso conhecimento.</p> <p>Apóia o Desenvolvimento Local e Sustentável.</p> <p>Valoriza o respeito ao Meio Ambiente.</p>
Movimento de emancipação das mulheres e preocupação com as diferenças	<p>Valoriza a participação democrática* nos processos de decisão e de construção coletiva e a franca liberdade de opinião e de expressão.</p> <p>Reconhece as diferenças e valoriza as identidades, locais, rurais ou urbanas.</p> <p>Valoriza a promoção de uma cultura de tolerância, de não-violência e de paz.</p> <p>Valoriza o fortalecimento da democracia, respeito à liberdade de opinião e organização.</p> <p>Valoriza o respeito aos direitos das mulheres, crianças, grupos étnicos e trabalhadores (as).</p>
Ideologia como distorção do conhecimento	<p>Valoriza a promoção da responsabilidade e da transparência nos processos administrativos, coletivos e públicos.</p> <p>Valoriza a garantia de que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.</p> <p>Contribui para a construção de relações solidárias no interior da economia.</p>
Exaltação do desejo sublime, condenando o consumismo	<p>Utiliza práticas e metodologias que fortalecem a ética, a transparência e a co-responsabilidade entre os diversos atores da cadeia de produção e comercialização, especialmente os produtores e os consumidores.</p> <p>Considera a diversidade cultural e valoriza o conhecimento e a identidade das comunidades tradicionais nas transações comerciais.</p> <p>Fomenta a integração efetiva entre produtor (a) e consumidor (a), para a construção coletiva do desenvolvimento sustentável.</p> <p>Valoriza as condições justas de produção e comercialização.</p> <p>Informação transparente ao consumidor.</p>
Educação para todos	<p>Valoriza o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades econômicas.</p> <p>Valoriza a transmissão, por meio da educação formal e da aprendizagem ao longo da vida, dos conhecimentos, valores e habilidades necessários para um modo de vida sustentável.</p>

* segundo Teixeira (2002), Fourier era um antidemocrata. Essa aparente contradição será elucidada posteriormente.

FONTE: elaborado pelos autores

5. Considerações Finais

Autores que abordam o trabalho de Fourier (LEHOUCK, 1973; ENGELS, 1981; KONDER, 1998; TEIXEIRA, 2002) reconhecem que o seu pensamento não é uma construção teórica de fácil apresentação. O critério da coerência parece não ser motivo de preocupação do filósofo e, por isso, pode escapar a uma avaliação rápida e descuidada.

Por vezes, o autor trabalha visões entusiásticas e cansativas demonstrações lógico-científicas lado a lado, o que gera dificuldades interpretativas ao leitor. Além disso, a influência da linguagem na obra de Fourier é outro empecilho, uma vez que, o autor recusava-se a utilizar recursos retóricos de fácil compreensão (KONDER, 1998).

Segundo Konder (1998), Fourier, ao longo de sua vasta obra, cometeu numerosos equívocos e escreveu diversas tolices. Em relação à educação no Falanstério, ele comete a ingenuidade de supor que meninos e meninas de até 16 anos são assexuados. Outro equívoco de Fourier é que ele reclama, preconceituosamente, da avareza dos judeus e temia que os mesmos viessem a ter na França tanto poder como tinham na Polônia. Além disso, Fourier se recusava a enfrentar o desafio da atuação política e supunha que o Falanstério resultaria de uma operação alheia aos assuntos políticos e admissíveis sob qualquer governo.

A obra de Fourier, no conjunto, é motivo de polêmica e, por isso, Konder (1998) considera que, em alguns momentos, é impossível não se espantar com algumas das características mais paradoxais, pois, como pensador apaixonado pela liberdade individual, se preocupa com a descrição minuciosa da ordem que deverá reinar no Falanstério, mesmo nas orgias. Esta característica paradoxal chama, também, a atenção de Teixeira (2002) e o leva a considerar Fourier um antidemocrata. Entretanto, para Konder (1998), os tropeços e as falhas cometidos não invalidam os aspectos mais fortes do legado do filósofo.

Considerando que o objetivo do artigo foi evidenciar como o pensamento de Fourier está presente nos princípios da Economia Solidária, a leitura procedida foi centrada na ideologia deste filósofo e, por isso, não contemplou outros pensadores utópicos que igualmente contribuíram de maneira relevante para o construto do tema que hoje se configura como Economia Solidária. Assim sendo, é válido registrar o valor das contribuições de outros pensadores, contemporâneos de Fourier, como Robert Owen e Henry Saint-Simon.

A Economia Solidária é notadamente uma proposta de desenvolvimento solidário ou incluyente. É uma configuração histórica da constante luta de trabalhadores (as) contra o desemprego e a exclusão social, não sendo apenas uma alternativa, mas, também, um viés questionador do *status quo*, se assemelhando ao caráter questionador da doutrina fourierista.

Apesar de seus pensamentos não terem sido colocados em prática, como o autor do Falanstério gostaria, e apesar de os mesmos não possuírem denotações científicas, por não se enquadrarem em um paradigma da ciência normal, as influências causadas por tais idéias no seu tempo e hoje, foram e continuam sendo significativas no momento em que se percebem retomadas a perspectivas de vida e de trabalho solidárias. Muitas foram as críticas aos seus escritos, devido a alguns devaneios e elucubrações, o que não invalidam, os valores teóricos e práticos dos postulados por ele propostos. Nem o estigma de utópico, que o autor francês tanto rejeitava, invalida sua obra. Segundo Konder (1998), o que a utopia anula é o socialismo como política, é o movimento operário como movimento puramente político. O que traz modernidade ao fourierismo, por outro lado, é o seu apoliticismo ferrenho. O que haveria de mais fascinante no pensador francês seria o conjunto diversificado de idéias e a concomitante busca de integração numa totalidade. A razão para isso talvez resida, não apenas na crítica que faz ao capitalismo, mas, também, no fato de apresentar uma interpretação global e unitária do universo, sugerindo um plano de reorganização da sociedade através da associação voluntária que refletia aspirações de segmentos populacionais prejudicados pelo desenvolvimento capitalista.

Em síntese, conforme demonstrado no decorrer deste texto, existem várias características do pensamento de Fourier que embasam fortemente o construto Economia Solidária, o que demonstra a vitalidade de seus ideais na atualidade.

Referências

CHAVES, D. F.; PINTO, I. M. J. Economia Solidária como alternativa de desenvolvimento regional. **T&C Amazônia**, Manaus, ano 5, n. 10, p. 60-67, fev. 2007.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Global Editora, 1981.

FACES DO Brasil. **Carta de valores, princípios e critérios para o Comércio Ético e Solidário do Brasil**, 2004.

GAIGER, L. I. A Economia Solidária no Brasil: refletindo sobre os dados do primeiro Mapeamento Nacional. In: II Seminário Nacional do Núcleo de Pesquisa sobre Movimentos Sociais. Santa Catarina, UFSC. **Anais...** abr. 2007. Disponível em: <<http://www.ecosol.org.br/txt/mapeamento1.pdf>>. Acesso em: 10/11/2008.

KONDER, L. **Fourier, o socialismo do prazer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

LAVILLE, J. L. Fato associativo e Economia Solidária. **Bahia Análise e Dados**, Salvador, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, v. 12, n. 1, p. 25-34, jun. 2002.

LEHOUCK, E. **Fourier o la armonia y el caos**. Barcelona: Labor, 1973.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social**. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

MOTTA, F.; FREITAS, M. **Vida Psíquica e Organização**. São Paulo: FGV, 2000.

SENAES. **O que é Economia Solidária**. In: Sítio MTE. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp>. Acesso em: 03/11/2008.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. de. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, W. J. ; OLIVEIRA, M. D. Fundamentos da Gestão Social na Revolução Industrial: Leitura e Crítica aos Ideais de Robert Owen. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 13, p. 59-76, out./dez. 2006.

TEIXEIRA, A. **Utópicos, Heréticos e Malditos**. São Paulo: Record, 2002.